

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

**Decolonialidade e ensino de língua inglesa: o que dizem os estudos em
Linguística Aplicada?**

Laura Queiroz Corrêa

Uberlândia

2024

Laura Queiroz Corrêa

**Decolonialidade e ensino de língua inglesa: o que dizem os estudos em
Linguística Aplicada?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras: Inglês e Literaturas de Língua Inglesa.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Carvalho de Paula Brito

Uberlândia

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, que é a minha base e sempre me deu apoio para que eu realizasse meus projetos.

Agradeço à minha irmã Luisa, que me ensinou a questionar o mundo desde muito pequena, e que acredita no meu potencial.

Agradeço também à minha irmã Marina, que me ensinou que descansar bem é tão importante quanto um trabalho bem feito, e que sempre me deu bons conselhos a respeito da minha jornada acadêmica.

À minha amiga Marlene, que foi o melhor encontro que eu poderia ter não só na UFU, mas também na vida, e que me acompanhou e acompanha nos trabalhos e nos momentos de descontração.

À minha amiga Karen, que se faz presente na minha vida e sempre me escuta mesmo estando longe, serei sempre grata.

Por fim, agradeço à minha orientadora, doutora Cristiane Brito, que com seu olhar atento conseguiu me ajudar em todo o processo de escrita deste texto, construindo conhecimento junto comigo.

RESUMO

A decolonialidade traz novas possibilidades e perspectivas no ensino de inglês, além de problematizar as práticas de ensino tradicionais. O presente trabalho se propôs a analisar como os trabalhos em Linguística Aplicada tem tematizado o ensino de língua inglesa e a decolonialidade. Os trabalhos analisados são dos anos de 2018 a 2023 e estão disponíveis em revistas de LA. Através de uma pesquisa bibliográfica percebemos que os trabalhos encontrados mostram perspectivas reflexivas, questionadoras e pertinentes da prática decolonial na formação de professores e de ensino de inglês. Nossas análises apontam que são necessários mais estudos nessa área e que os estudos sejam mais aprofundados, para que assim o fazer decolonial na aula de língua inglesa seja mais adotado, visto que ele pode ser uma ferramenta importante para promover uma educação mais igualitária.

Palavras-chave: Pesquisa Bibliográfica; Decolonialidade; Ensino de Inglês.

ABSTRACT

Decoloniality brings new possibilities and perspectives in teaching English, in addition to problematizing traditional teaching practices. The present work set out to analyze how works in Applied Linguistics have focused on English language teaching and decoloniality. The works analyzed are from 2018 to 2023 and are available in AL journals. Through bibliographical research, we realized that the works found show reflective, questioning and pertinent perspectives on decolonial practice in teacher training and English teaching. Our analyzes indicate that more studies are needed in this area and that studies are more in-depth, so that decolonial practice in the English language class is more adopted, as it can be an important tool to promote more equal education.

Keywords: Bibliographical Research; Decoloniality; English Teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. LINGUÍSTICA APLICADA E ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS	9
2. DECOLONIALIDADE E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA	11
3. PERCURSO METODOLÓGICO	14
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	19
4.1 Grupo 1 - Decolonialidade e formação de professores	19
4.2 Grupo 2- Práticas decoloniais no ensino de inglês	25
4.3 Noção de decolonialidade presente nos artigos	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

A colonialidade atravessa professores de inglês, consciente ou inconscientemente, uma vez que o ensino da língua inglesa no Brasil, seja em instituições de idiomas ou em escolas de educação básica, está pautado em uma perspectiva colonial enraizada historicamente na sociedade pós-colonial. Pardo (2019) afirma que na sociedade pós-colonial o suposto fim da colonialidade não inibiu a expansão colonial europeia, já que existiu uma transição de colonialismo moderno para colonialidade global. Com isso, continuamos sendo subordinados pelo pensamento hegemônico. Já que as marcas da colonialidade não foram apagadas, o ensino de inglês é influenciado por esses ideais.

Ainda, de acordo com Pardo (2019), após a Segunda Guerra Mundial, as ex-colônias continuaram periféricas, mesmo que supostamente “independentes”. O colonialismo era sobretudo, sobre localização territorial e administrativa e a dominação de uma raça sobre a outra. A colonialidade, por outro lado, vai além da expansão geográfica, porque é sobre identidade e cultura (Pardo, 2019). Assim, atualmente é possível perceber os efeitos na colonialidade em estruturas como as de discriminação racial e cultural, exploração econômica, discriminação de gênero e orientação sexual, entre outros.

Nesse sentido, de acordo com Jordão (2016) aprender inglês como língua estrangeira no Brasil pode facilmente virar uma ferramenta de colonização. O inglês (re)produz variadas ideologias e discursividades que não são neutras e afetam o aprendiz dessa língua. Discursos como o da globalização, capitalismo, neoliberalismo, internacionalização, entre outros, estão presentes na língua inglesa e são consumidos por aprendizes brasileiros desta língua. Além disso, frequentemente o discurso de não pertencimento à língua atinge esses falantes, pois se vende a ideia (sobretudo em comerciais de institutos de idiomas) de que é necessário “falar como um nativo”, sendo essa uma posição colonizadora e que pode ser prejudicial na aprendizagem da língua.

Outro exemplo de que as estruturas coloniais estão presentes na forma de ensinar e aprender são os materiais didáticos de língua inglesa disponíveis na maior parte dos cursos de inglês. Geralmente esses materiais reproduzem estereótipos e idealizações sobre o inglês padrão do falante nativo. Além de possuírem pouca diversidade racial ou cultural, mostrando majoritariamente a cultura hegemônica. Pardo (2019) discute a colonialidade no ensino de inglês e afirma que diversos materiais didáticos de inglês não “consideram a diversidade e a multiplicidade de epistemologias, culturas e povos falantes da língua inglesa ao redor do mundo” (Pardo, 2019, p. 212). A lógica colonial presente nesses materiais serve, pois, para

perpetuar injustiças e preconceitos, subalternizando indivíduos que não se encontram dentro dos padrões normativos.

Por outro lado, a decolonialidade traz novas perspectivas e possibilidades para o ensino de língua inglesa. Por em prática a decolonialidade significa romper com paradigmas construídos pelo ocidente acerca de temas sociais como racismo, machismo, o processo de colonização, formas tradicionais de ensino-aprendizagem, e assim por diante. Segundo Walsh (2018):

A decolonialidade denota modos de pensar, saber, ser e fazer que começaram, mas também precedem, o empreendimento colonial e a invasão. Ela implica o reconhecimento das estruturas hierárquicas de raça, gênero, heteropatriarcado e classe que continuam a controlar a vida, o conhecimento, a espiritualidade e o pensamento, estruturas essas que estão claramente interligadas e constituem o capitalismo global e a modernidade ocidental. (Mignolo, Walsh, 2018, p. 17).

Logo, a decolonialidade no ensino de língua inglesa implica reconhecer que o professor não está na sala de aula apenas para ensinar sobre a estrutura da língua, o professor deve promover aos estudantes uma educação linguística que entende a linguagem como uma prática social. Quando os estudantes passam a enxergar a linguagem dessa forma, eles são instigados a refletir criticamente sobre suas práticas discursivas, quais são os impactos dessas práticas e quais ideologias sustentam essas práticas. Ao reconhecer as ideologias, alinhados com um pensamento crítico, os alunos podem ser capazes de refletir sobre a problemática de perpetuar discursos coloniais por meio da língua.

Entendo, então, a necessidade de se pensar formas de ensinar e aprender inglês que não perpetuem noções de colonialidade. A tentativa de desenvolver um ensino decolonial é uma forma de resistência. A teoria decolonial foi escolhida como base teórica deste trabalho, pois, enquanto professora em formação, sempre senti necessidade de estar em contato com materiais e teorias que fizessem sentido com a educação linguística que eu acredito, que são materiais com viés de ensino crítico, decolonial e plural de mundo. Além disso, participo do grupo de pesquisa *Linguagem Humana e Inteligência Artificial (LIA)*¹ e juntamente com o grupo desenvolvo um projeto de extensão chamado *ELLA: English Language Learning Laboratory*², na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Essa é uma experiência enriquecedora, que me

¹ O Grupo de Pesquisa Linguagem Humana e Inteligência Artificial (LIA) é liderado pelas professoras Simone Tiemi Hashiguti e Cristiane Carvalho de Paula Brito e desenvolve pesquisas transdisciplinares nas áreas de Linguística Aplicada e Ciência da Computação. Mais informações no link <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0337850827957985>

² O ELLA: *English Language Learning Laboratory* é um projeto desenvolvido pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e consiste em um laboratório virtual que disponibiliza atividades para aprendizagem de língua inglesa (LI) como língua estrangeira. O projeto é liderado pelas professoras Simone Tiemi Hashiguti e Cristiane Carvalho de Paula Brito.

mostra novos horizontes. Participar das reuniões e me envolver nas temáticas levantadas pelo grupo, como a construção dos materiais didáticos do laboratório, decolonialidade, desenvolvimento da inteligência artificial, entre outros, foi um processo importante para a minha formação, e por isso continuo minhas pesquisas nessa linha. Levando em consideração os problemas que a reprodução de noções coloniais podem gerar na educação (como, por exemplo, a reprodução de estereótipos e manutenção de relações de poder), pretendemos³ explorar a interseção entre a decolonialidade e o ensino-aprendizagem de língua inglesa, com um foco particular nas contribuições dos estudos em Linguística Aplicada. O questionamento norteador desta pesquisa é: como a Linguística⁴ Aplicada tem concebido o ensino inglês a partir dos estudos decoloniais e como esses estudos podem contribuir para as práticas de ensino de língua inglesa? Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é desenvolver uma pesquisa bibliográfica na área de Linguística Aplicada visando compreender como pesquisadores/as têm explorado a relação entre ensino de língua inglesa e decolonialidade. Mais especificamente, nos propomos a: i) identificar objetivos, escopo teórico-metodológico e resultados em artigos científicos na área de Linguística Aplicada que tematizam a relação entre decolonialidade e ensino de inglês; ii) analisar como a decolonialidade é concebida nesses trabalhos; e iii) discutir se e como os estudos decoloniais podem transformar a prática de ensino de língua inglesa. Por meio desta pesquisa, procuramos contribuir para a compreensão de como é o cenário de pesquisa e desenvolvimento do ensino decolonial de língua inglesa. Assim, será possível oferecer contribuições para educadores e pesquisadores interessados em refletir sobre o tema e em promover práticas educacionais que desafiem a lógica normativa. O ensino crítico e decolonial deve estar dentro da sala de aula de língua inglesa, pois é essencial para a formação crítica dos alunos, para que eles entendam o poder e papel da língua inglesa no mundo. Além desta introdução e das Considerações Finais, dividimos este trabalho nas seguintes seções: Linguística Aplicada e ensino-aprendizagem de línguas; Ensino de língua inglesa e decolonialidade; Percurso metodológico; A Pesquisa; e Análise e discussão de dados.

³ A primeira pessoa do plural é utilizada considerando que este trabalho foi desenvolvido junto com a orientadora Cristiane Brito, quando o relato é pessoal utilizo a primeira pessoa do singular e quando trabalho com vozes de outros autores utilizo a terceira pessoa.

⁴ Mesmo os trabalhos que não citam explicitamente em sua fundamentação teórica sobre a área de LA, estão inseridos nesta área, pois as revistas escolhidas tem enfoque na área e a linha de pesquisa dos autores também.

1. LINGUÍSTICA APLICADA E ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

A Linguística Aplicada (LA) é uma área que tem como objeto de investigação a linguagem enquanto prática social, tanto no contexto de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (LEs), quanto nos mais variados cenários em que existe o uso da língua. É importante ressaltar que, durante sua consolidação como área, a LA passou por diversas fases até se tornar mais independente da sua “disciplina mãe”, a Linguística. A partir dos anos 90, a LA passou a ter uma perspectiva mais inter/transdisciplinar⁵, deixando de ser uma disciplina voltada apenas para os estudos sobre ensino de línguas estrangeiras e de ser considerada uma aplicação da Linguística.

Sendo assim, a LA passa a considerar os aspectos sociais, políticos, históricos e ideológicos do uso da língua. Por possuir viés inter/transdisciplinar¹, a LA busca dialogar com as mais variadas áreas do conhecimento para fazer suas próprias problematizações acerca da linguagem, do mundo, do sujeito falante e de temas com relevância social de maneira crítica. A Linguística Aplicada contemporânea é politizada e, nos termos de Pennycook (1990), é "transgressiva" e "crítica", e se importa com as práticas sociais, pois as práticas de uso da linguagem envolvem crenças, valores, ideologias, intenções, estratégias, relações interpessoais, entre outros. No contexto de ensino de língua estrangeira (LE) é importante que o professor tenha essa visão da língua como uma prática social, enxergando a língua para além do viés estruturalista.

De acordo com Anjos (2017), a LA possibilita compreender variados aspectos do contexto de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, explorando temas como problemas de desmotivação, atitudes, orientação, crenças, identidades, metodologias e materiais didáticos. Considerando essas perspectivas, a inclusão de temas como decolonialidade e as reflexões sobre a prática decolonial também passam a serem mais exploradas no ensino de língua inglesa a partir do surgimento da LA.

Outro ponto em que a LA pode ser considerada importante para o ensino de LEs é a investigação sobre/para as práticas avaliativas no ensino-aprendizagem de línguas. Há muitos trabalhos dentro da área de Linguística Aplicada com críticas negativas em relação aos modos de avaliação tradicionais e mostrando caminhos/direções para que professores consigam

⁵ Interdisciplinar, pois estabelece relação entre duas ou mais áreas do conhecimento: “A interdisciplinaridade torna-se característica cada vez mais marcante de nossa área, atingindo além dos conteúdos mesmos as metodologias de pesquisas oferecidas por diferentes tradições, em disciplinas diversas” (Celani, 1992, p. 20); e transdisciplinar, pois é, “nas palavras de Nicolescu, o que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das disciplinas e além de toda disciplina” (Almeida, 2015, p. 2).

(re)avaliar seus alunos de maneira mais eficiente, inclusiva e menos opressora. A autora Haus (2021), por exemplo, pensa em uma avaliação decolonial em que os alunos se sintam incluídos, confortáveis e confiantes. Sendo assim, a LA é importante já que acompanha o desenvolvimento pedagógico dos métodos avaliativos e traz importantes pontuações sobre elas.

A LA também contribui para discussões a respeito da produção de materiais didáticos e contribui no desenvolvimento de conteúdos que voltem o olhar para um ensino mais crítico e inclusivo, como é o caso da Linguística Aplicada Antirracista (Nascimento, 2022), que também possui um viés decolonial. A Linguística Aplicada Antirracista pode atuar na desmistificação de questões como a de raça (racismo e branquitude) em livros didáticos, além de temas como capitalismo, religião/religiosidade, (tipos de) família, gênero e sexualidade, tratando tais tópicos de maneira crítica e inclusiva, contribuindo assim para que o material que o/a professor/a utiliza em sala de aula já seja embasado e preocupado com questões relacionadas à diversidade, de modo a adotar uma perspectiva decolonial para o ensino-aprendizagem de inglês.

Considerando todos os aspectos levantados sobre a LA acima, é possível afirmar que a LA mostra sua preocupação com a vida social e com todos os agentes que estão presentes no ambiente de ensino-aprendizagem. Porém, mesmo com todas as contribuições da área, ainda há muitas questões que necessitam ser desconstruídas, principalmente ao fazer a conexão da teoria da LA com o que ocorre, de fato, no dia-a-dia da prática docente. Sendo assim, quanto mais a LA conversar com o que ocorre, efetivamente, nas salas de aula, mais será possível alcançar uma educação transgressora (hooks, 2017). Nesse sentido, este estudo visa investigar como as pesquisas em LA têm abordado a decolonialidade em ambientes de ensino e aprendizagem, a fim de, a partir dessa análise, compreender algumas contribuições da área.

2. DECOLONIALIDADE E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

A emergência do pensamento decolonial, como proposto por Quijano (2005), marca um ponto de inflexão crucial na abordagem crítica das estruturas e relações de poder globalmente disseminadas. Quijano (2005), ao introduzir o conceito de colonialidade do poder, proporcionou uma nova lente teórica para entender a persistência das hierarquias sociais e culturais que transcenderam o período colonial. A colonialidade do poder refere-se à maneira pela qual as estruturas de dominação, originalmente estabelecidas durante o período colonial, continuam a moldar as relações sociais, políticas e econômicas contemporâneas.

A decolonialidade, enquanto teoria crítica, busca dismantlar essas estruturas de poder persistentes e desafiar as narrativas hegemônicas que perpetuam desigualdades sistemáticas. Autores notáveis no campo da decolonialidade, como Grosfoguel e Mignolo, desdobram o conceito de decolonialidade, explorando suas implicações em diversas esferas do conhecimento, desde a filosofia até as ciências sociais. Grosfoguel, por exemplo, expande a discussão ao examinar as interseções entre a decolonialidade e a teoria do pensamento decolonial. Sua abordagem destaca como as formas tradicionais de conhecimento são frequentemente subjugadas pela perspectiva ocidental dominante, e como a decolonialidade oferece uma resposta crítica para desafiar e redefinir essas estruturas epistêmicas (Grosfoguel, 2010).

Por sua vez, Mignolo (2012) aprofunda a reflexão ao situar a decolonialidade dentro do contexto da modernidade global. Ele argumenta que a modernidade, tal como foi concebida e disseminada pelo Ocidente, está intrinsecamente ligada à colonialidade do poder. A decolonialidade, portanto, não é apenas uma crítica às relações de poder contemporâneas, mas também uma rejeição fundamental das bases epistemológicas da modernidade eurocentrada (Mignolo, 2012). Observando essas perspectivas, torna-se evidente que a decolonialidade não é apenas uma questão de justiça social, mas uma transformação profunda nas estruturas de pensamento que sustentam as instituições e práticas sociais. Ela desafia não apenas as manifestações tangíveis da opressão, mas também as fundações conceituais que perpetuam a marginalização e a subalternização (Grosfoguel, 2010).

O desafio da decolonialidade é, portanto, multifacetado e exige uma reavaliação crítica das estruturas existentes. Implica não apenas na reformulação de políticas públicas, mas na reconceptualização dos fundamentos filosóficos e epistemológicos que moldam nossa compreensão do mundo (Mignolo; Walsh, 2018). A tarefa é complexa, mas a busca por uma perspectiva decolonial promete não apenas dismantlar as estruturas de poder arraigadas, mas

também oferecer um caminho para a construção de um mundo mais inclusivo e que visa pela equidade.

Já no âmbito do ensino de inglês como língua adicional, ao trazer a decolonialidade, é possível observar a intersecção entre teoria decolonial e prática pedagógica. Kumaravadivelu (2014) tem explorado essa interação, destacando como métodos tradicionais⁶ no ensino de línguas adicionais constantemente refletem e perpetuam relações de poder coloniais. Ao explorar as abordagens tradicionais, surge a necessidade de se fazer uma reflexão crítica a respeito delas, visto que na lente da teoria decolonial há a necessidade de reimaginar e reformular metodologias de ensino, a fim de desafiar e desconstruir as normas linguísticas e culturais historicamente impostas.

Dessa forma, Kumaravadivelu (2014) propõe um modelo de ensino de inglês que reconheça e valorize as diversas identidades culturais e linguísticas dos aprendizes, desafiando assim a hegemonia linguística e cultural do inglês como língua global dominante. Ainda, ele enfatiza a importância de uma consciência crítica por parte dos educadores, que devem reconhecer e confrontar as assimetrias de poder inerentes ao ensino de uma língua adicional. Tendo em vista que as abordagens pedagógicas tradicionais muitas vezes reproduzem as hierarquias de poder coloniais ao privilegiar determinados tipos de conhecimento e formas de expressão linguística, a decolonialidade no ensino de inglês desafia a noção de que o domínio do inglês é um indicador absoluto de sucesso acadêmico e profissional, reconhecendo as diversas formas de conhecimento e expressão que são marginalizadas por essa visão hegemônica.

Ao integrar a decolonialidade ao ensino de inglês, os educadores são desafiados a repensar não apenas os métodos de ensino, mas também os objetivos e valores subjacentes ao aprendizado de uma língua estrangeira. Isso significa reconhecer e valorizar as múltiplas formas de conhecimento e experiência cultural que os estudantes trazem para a sala de aula, e promover uma abordagem mais inclusiva ao ensino e aprendizado do inglês. Além disso, a decolonialidade no ensino de inglês também envolve uma reflexão crítica sobre os materiais didáticos, recursos utilizados no processo de ensino e também nos métodos de avaliação. Isso requer uma avaliação cuidadosa das representações culturais e sociais presentes nos materiais

⁶ Existem alguns métodos tradicionais de ensino de inglês, o mais antigo é o Gramática-tradução. “Esse método de ensino de LE tornou-se conhecido como o Método Tradicional (Gramática-tradução) e dominou o ensino de LE entre 1840 e 1940, e até hoje, com algumas modificações, ainda é utilizado” (Santos, 2020, p. 251). O método direto, audiolingual, estruturalista e áudio-visual também são considerados tradicionais.

didáticos, bem como uma busca por recursos que reflitam a diversidade linguística e cultural dos estudantes (Pardo, 2019).

Nesse sentido, a decolonialidade no ensino de inglês não se trata apenas de diversificar o currículo ou incorporar perspectivas não ocidentais, mas de questionar fundamentalmente as estruturas de poder que moldam a própria prática educacional. Envolve uma transformação radical na forma como é concebido o ensino e a aprendizagem de línguas adicionais, priorizando a emancipação e a justiça linguística em vez da assimilação e da subordinação. (Pardo, 2019)

Ao adotar uma abordagem decolonial no ensino de inglês, os educadores têm a oportunidade de não apenas capacitar os alunos linguisticamente, mas também de capacitá-los politicamente, promovendo uma consciência crítica e uma compreensão mais profunda das complexidades do poder e da identidade na sociedade global contemporânea. Essa abordagem não apenas enriquece o processo de aprendizado, mas também contribui para a construção de um mundo mais justo, onde diversas as vozes e culturas são valorizadas e respeitadas (Pardo, 2019).

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Através da pesquisa bibliográfica qualitativa é possível ter um panorama sobre as publicações que estão sendo feitas na área da LA e decolonialidade. Esse tipo de pesquisa possibilita uma reflexão sobre o material encontrado. Lima e Miotto (2007, p. 38) argumentam que “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”. Ainda, de acordo com os autores, o percurso metodológico de uma pesquisa bibliográfica implica a formulação da questão problema da pesquisa, estabelecimento dos objetivos, critérios de inclusão e exclusão do material bibliográfico, busca e seleção desse material, análise e levantamento de dados do material selecionado, síntese e conclusão e referências. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica é um procedimento importante para a construção de conhecimento científico, e é por isso que está sendo utilizada neste trabalho.

Assim, para uma compreensão mais ampla sobre como os trabalhos em Linguística Aplicada têm tratado o tema decolonialidade realizamos uma pesquisa bibliográfica utilizando as seguintes revistas: *Calidoscópio*, *Caminhos em Linguística Aplicada*, *DELTA: Revista de Documentação de Estudo em Linguística Teórica e Aplicada*, *Horizontes de Linguística Aplicada*, *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, *Trabalhos em Linguística Aplicada e Raído*. Essas revistas foram escolhidas, pois são atualizadas com trabalhos na área de Linguística Aplicada, e são revistas bem qualificadas, possuindo *Qualis* A1 a B1. As palavras-chave utilizadas para a busca dos artigos foram: *decolonialidade*, *inglês*, *ensino de inglês*, *decolonial* e *colonial*.

Os artigos encontrados são dos anos de 2018 a 2022, o filtro da nossa busca não especificou as datas das publicações, mas foram encontrados artigos recentes. Agrupamos e analisamos os artigos de acordo com suas similaridades em relação ao principal tema abordado, assim eles foram separados em dois grupos. O primeiro grupo trata principalmente da decolonialidade no contexto de formação de professores de inglês, o outro grupo relata tentativas de fazer um ensino decolonial de inglês dentro da sala de aula. Encontramos onze artigos que se enquadraram dentro dos objetivos de pesquisa, um número baixo visto que a decolonialidade não é uma área recente. Desses onze, analisamos nove, dois textos foram excluídos, pois, apesar de possuírem as palavras-chave pesquisadas, não tinham um enfoque na decolonialidade.

A foi construída análise a partir da leitura completa dos artigos para que fosse possível ter uma visão mais ampla de como a decolonialidade estava presente nos textos. Identificamos e

descrevemos os objetivos, escopo teórico-metodológico e resultados presentes nos artigos, além disso, também analisamos como a decolonialidade é concebida nesses trabalhos e como se dão as práticas baseadas nessa teoria. Por fim, discutimos se e como a decolonialidade pode contribuir para a área de ensino e aprendizagem de inglês.

Os periódicos, os artigos encontrados, os autores e o ano de publicação dos trabalhos podem ser observados no quadro 1:

Quadro 1. Periódico, título do artigo, autor e ano de publicação.

Periódico	Título	Autor	Ano de publicação
Trabalhos em Linguística Aplicada	Ensino de línguas como palco de política linguística: mobilização de repertórios sobre gênero	Rosane Rocha Pessoa e Maria José Hoelzle	2018
Delta	A critical, decolonial glance at language teacher education in Brazil: on being prepared to teach	Mariana Mastrella-de-Andrade Rosane Rocha Pessoa	2019
Raído	Considerações acerca da Teoria Decolonial por meio de reflexões sobre a prática docente em língua inglesa	Selma Silva Bezerra	2019
Revista Brasileira de Linguística Aplicada	Abandonamos a sala da universidade: uma opção decolonial no estágio de inglês e na formação docente	Mariana R. Mastrella-de-Andrade	2019

	crítica		
Revista Brasileira de Linguística Aplicada	PIBID Inglês e a telona: ampliando espaços formativos	Ana Karina de Oliveira Nascimento e Ana Lúcia Simões Borges Fonseca	2020
Raído	Decolonialidade na formação em línguas adicionais: dos desafios na ‘encruzilhada’ ao caminho outro de um ‘mosaico’ para uma Linguística Aplicada rizomática	Adriana Cristina Sambugaro de Mattos Brahim, Denise Akemi Hibarino e Phelipe de Lima Cerdeira	2020
Caminhos em Linguística Aplicada	“ Is it a test of marking ‘X’?”. Identificando e interrogando a colonialidade na avaliação no ensino de inglês.	Camila Haus	2021
Horizontes de Linguística Aplicada	Pedagogias decoloniais para o ensino de língua inglesa no contexto on-line: relato de prática	Beatriz Gama Rodrigues; Rafael Gomes Rosa; Thalita Christina Cavalcante Arré	2022
Calidoscópio	As colonialidades linguísticas na formação docente:	Fernanda Caiado da Costa Ferreira e Pedro	2022

	experiências de discentes de Letras – Inglês	Augusto de Lima Bastos	
--	--	------------------------	--

Fonte: Elaboração da autora.

Quadro 2. Temáticas dos artigos encontrados.

Artigo	Tema
Ensino de línguas como palco de política linguística: mobilização de repertórios sobre gênero	Problematização do ensino colonial de inglês e busca por trabalhar com o ensino decolonial em uma turma de sexto ano, utilizando temas como gênero e bullying.
A critical, decolonial glance at language teacher education in Brazil: on being prepared to teach	Discussão sobre o sentimento de despreparo que professores em formação sentem durante a graduação.
Considerações acerca da Teoria Decolonial por meio de reflexões sobre a prática docente em língua inglesa	Reflexões acerca de práticas coloniais na sala de aula de língua inglesa e como aplicar práticas decoloniais.
Abandonamos a sala da universidade: uma opção decolonial no estágio de inglês e na formação docente crítica	Discussão e prática de uma alternativa decolonial durante o estágio de inglês na escola pública.
PIBID Inglês e a telona: ampliando espaços formativos	Foco na análise de diários de professores em formação que estavam participando do PIBID, enfatizando as discussões críticas e decoloniais feitas na universidade.
Decolonialidade na formação em línguas adicionais: dos desafios na ‘encruzilhada’ ao caminho outro de um ‘mosaico’ para uma Linguística Aplicada rizomática	Análise da decolonialidade durante a formação de professores de inglês e de pesquisas com perspectivas decoloniais.

<p>“ Is it a test of marking ‘X’?”. Identificando e interrogando a colonialidade na avaliação no ensino de inglês.</p>	<p>Problematização das avaliações de língua inglesa identificando a colonialidade presente nelas e reflexões sobre diferentes formas de avaliação.</p>
<p>Pedagogias decoloniais para o ensino de língua inglesa no contexto on-line: relato de prática</p>	<p>Investigação sobre de que forma atividades elaboradas com base nas práticas decoloniais para aulas online síncronas de língua inglesa pode promover reflexões acerca de novas formas de ensinar e aprender.</p>
<p>As colonialidades linguísticas na formação docente: experiências de discentes de Letras – Inglês</p>	<p>Problematização das colonialidades linguísticas reproduzidas por estudantes de uma turma de letras-inglês.</p>

Fonte: Elaboração da autora.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Conforme mencionado, no total, analisamos 9 artigos na área da LA que tematizam sobre formação de professores, ensino de inglês, e decolonialidade. Os trabalhos: *A critical, decolonial glance at language teacher education in Brazil: on being prepared to teach; Abandonamos a sala da universidade: uma opção decolonial no estágio de inglês e na formação docente crítica; PIBID Inglês e a telona: ampliando espaços formativos; Decolonialidade na formação em línguas adicionais: dos desafios na ‘encruzilhada’ ao caminho outro de um ‘mosaico’ para uma Linguística Aplicada rizomática e As colonialidades linguísticas na formação docente: experiências de discentes de Letras-Inglês*, discutem um pensar e fazer decolonial focado na formação de professores, o que é de extrema relevância, visto que já se deve pensar nessas questões durante a formação inicial.

Já os trabalhos *Ensino de línguas como palco de política linguística: mobilização de repertórios sobre gênero; Considerações acerca da Teoria Decolonial por meio de reflexões sobre a prática docente em língua inglesa; “Is it a test of marking ‘X’?”. Identificando e interrogando a colonialidade na avaliação no ensino de inglês e Pedagogias decoloniais para o ensino de língua inglesa no contexto on-line: relato de prática* possuem o foco em relatos de experiência de práticas de ensino pautadas dentro da teoria decolonial. Assim, dividimos a análise em dois grupos: *Grupo 1- Decolonialidade e formação de professores* e *Grupo 2- Práticas decoloniais no ensino de inglês*. Por fim, discutimos a noção de decolonialidade presente nos artigos analisados.

4.1 Grupo 1 - Decolonialidade e formação de professores

Dentre os artigos que focam na formação de professores, o primeiro que analisamos é o *A critical, decolonial glance at language teacher education in Brazil: on being prepared to teach*, uma pesquisa narrativa que surgiu após questionamentos de pesquisadores na área de LA sobre como professores de inglês em formação se sentiam em relação ao seu nível de preparo para lecionar em escolas públicas, já que a maioria dos professores relataram se sentirem despreparados. Ao se deparar com esse discurso, o artigo se propõe a discutir esse sentimento de despreparo através de uma lente crítica e decolonial. A discussão é baseada em relatos de dois professores em formação e uma professora no primeiro ano de docência.

A concepção de decolonialidade presente no artigo leva em consideração como desfazer, desobedecer e desligar-se da matriz colonial de poder. Dentre os três entrevistados,

dois deles relataram que se sentiam despreparados quando chegaram na sala de aula, e tinham dúvida do que fazer no estágio na escola pública. Ao se encontrarem nessa situação, os professores recorreram a abordagens tradicionais e estruturalistas de ensino da língua. Já o outro professor participante da pesquisa afirma que se sente preparado, e que é necessário entender que o curso de Letras-Inglês não o preparou para tudo, mas o preparou para enfrentar diversas situações do dia a dia docente e para ter coragem de enfrentá-las.

Em vista disso, o artigo discute principalmente a questão de que a formação de professores é vista como um processo feito em modelos definidos, fechados e completos. Já que muitas pessoas têm a ideia de que, após os anos de faculdade, os professores devem se sentir preparados para todas as questões que encontram nas escolas. Porém, após os relatos dos professores, entende-se que é necessário movimento de preparação para o inesperado na formação de professores, uma vez que os professores devem se desprender da ideia de que o conhecimento é único e universalmente válido, ao abandonar essa visão eurocentrista de conhecimento é possível se abrir para as possibilidades de uma formação comprometida com a busca da diversidade, tanto metodológica quanto do repertório sociocultural das aulas. Dessa forma, é concluído que questionar a ideia de completude da formação de professores e considerar a pluralidade de uma sala de aula e a pluralidade de metodologias de ensino pode ser uma maneira de pensar a formação de professores e a educação por um viés decolonial.

Já o trabalho *abandonamos a sala da universidade: uma opção decolonial no estágio de inglês e na formação docente crítica* relata e discute a experiência de um semestre de estágio supervisionado em inglês que foi feito em uma escola pública. Esse estágio foi feito adotando uma perspectiva decolonial (Mignolo, 2014), para romper com paradigmas sobre as colonialidades do saber, do poder e do ser na relação universidade-escola para a formação docente. O objetivo do artigo é entender como foi vivenciada a tentativa de decolonialidade durante o estágio supervisionado, com foco em três aspectos: a maneira como o estágio é estruturado, o papel da autora como professora formadora e o papel dos sujeitos da escola. A pesquisa é qualitativa e interpretativista e foi desenvolvida com material empírico gerado através de diários, entrevistas, notas de campo e trocas de mensagem por e-mail e WhatsApp.

Inicialmente, a professora formadora que aplicou o estágio e autora do artigo, ressalta que a busca por fazer algo diferente sempre foi uma vontade sua, que surgiu através de inquietações sobre como tentar romper com a lógica dominante de ensino aprendizagem que existe tanto nas escolas quanto na universidade. Assim, ela propôs um estágio pautado em uma perspectiva decolonial de formação docente. A noção de decolonialidade presente neste trabalho perpassa alguns teóricos como Mignolo (2014, p. 61-62), que discute sobre os

dispositivos de colonização invisibilizam conhecimentos não hegemônicos; Quijano (2005, p.107), que traz o conceito de colonialidade do poder; e Walsh (2010, p. 221), que entende a matriz colonial como um sistema racial-classificatório e hierárquico que estabelece o homem branco como modelo de identidade e o conhecimento moderno europeu como universal.

Assim o estágio foi feito integralmente dentro da escola, até mesmo as reuniões com a docente e os professores em formação. Mastrella-De-Andrade (2019, p. 22) afirma que “é no ato e na atitude de *adentrarparaficar* que se construiu a experiência decolonial de formação docente: se formaram diferentes visões de quem são as/os alunas/ os da escola e as professoras de inglês se tornaram também professoras formadoras”. Durante o estágio existia o livre acesso para trabalhar com as duas professoras de inglês da escola e, dessa forma, foram desenvolvidos projetos de ensino para as turmas de inglês do ensino médio dos turnos matutino e vespertino. Várias questões teóricas foram discutidas durante o estágio, os alunos adentraram a escola e a vivenciaram de uma forma diferente, tendo uma parceria com as professoras, alunos e demais funcionários da escola. Percebemos que a experiência relatada no artigo é diferente do que se encontra sendo proposto em estágios para professores de inglês, é uma experiência inovadora tanto para a professora formadora quanto para os professores em formação.

Como a universidade reproduz a “herança colonial”, reproduzindo padrões eurocêntricos, um fazer decolonial durante o estágio se torna um desafio. Dessa forma, a autora se questiona em relação a alguns aspectos de como tornar sua avaliação menos colonial e como seria possível decolonizar as relações entre universidade e escola. O fato de refletir sobre essas questões já gera bastante impacto, assim como o estágio feito também gerou impactos positivos para questionar as estruturas dominantes dentro da universidade. Assim, a tentativa de decolonialidade neste estágio trouxe reflexões sobre hierarquias de poder dentro da universidade e sobre a relação entre universidade e escola regular.

O artigo *PIBID Inglês e a telona: ampliando espaços formativos e as colonialidades linguísticas na formação docente: experiências de discentes de Letras-Inglês*”, por sua vez, foca na análise de diários de professores em formação que estavam participando do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). A principal atividade analisada foi a ida ao cinema para assistir aos filmes *Abraço* e *Bacurau*, seguida de debates. A experiência revelou como os futuros professores tiveram a oportunidade de refletir sobre as relações que conseguiram estabelecer com a formação docente e as leituras e experiências proporcionadas pelo Pibid, corroborando assim a importância da decolonização das práticas educacionais. A metodologia utilizada trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter interpretativo que teve como ferramentas de geração e análise de dados os diários de campo de futuros professores e

supervisores. Nos diários, os participantes registraram suas impressões sobre a experiência de ida ao Cine Vitória, explicitando as relações que estabelecem entre ser professor de inglês em formação inicial e suas leituras ao longo do Pibid.

Considerando a noção de decolonialidade presente no artigo, os autores Maldonado-Torres (2007), Grosfoguel (2010), Mignolo (2012) e Kumaravadivelu (2014) são citados para afirmar que a colonialidade ainda está presente atualmente no ensino de inglês, e que se faz necessário adotar uma perspectiva decolonial nessa área. Levando esses autores em consideração, a proposta de ida ao cinema dos professores em formação foi uma tentativa de oportunizar reflexões sobre a formação de professores por uma perspectiva decolonial. Os filmes escolhidos discutem diversas questões sociais, étnico-raciais e de ensino, o que possibilitou a emergência de reflexões relacionadas aos contextos (educação brasileira) dos professores. Além disso, o Cine Vitória, onde os alunos foram assistir os filmes, é um cinema alternativo à rede americana de cinemas localizados nos dois shoppings da cidade. Desse modo, a escolha do cinema e dos filmes já estaria refletindo nas escolhas decoloniais, expondo os alunos ao conhecimento e à cultura produzidos fora do Norte Global.

Por fim, o artigo conclui que a formação de professores pode se dar em diferentes espaços e pode considerar a perspectiva decolonial. Esse artigo teve um enfoque maior em discussões que se embasam em teorias decoloniais, que acreditam em um fazer decolonial em que os professores produzem conhecimento através de seu local de fala. Desmantelando a ideia de apenas consumir conhecimentos produzidos pelos países hegemônicos.

O quarto artigo, intitulado *Decolonialidade na formação em línguas adicionais: dos desafios na 'encruzilhada' ao caminho outro de um 'mosaico' para uma Linguística Aplicada rizomática*, leva em consideração a transdisciplinaridade da LA e faz discussões a respeito da formação de professores de línguas adicionais (inglês e espanhol) e também reflete sobre pesquisas de mestrado de professores de inglês, usando relatos de experiência para isso. O primeiro relato é a respeito da formação de professores de inglês, mais especificamente sobre uma disciplina de Leitura em Língua Inglesa. A experiência dessa disciplina visou romper com a hegemonia, por isso a disciplina foi construída colaborativamente com os alunos. Os principais tópicos discutidos foram a palestra de Chimamanda Adichie sobre *os perigos de uma única história* (2009) e contos dos autores Haruki Murakami, Toni Morrison e Jamaica Kincaid. Afirmamos que a disciplina promoveu debates plurais sobre questões sociais como os discursos sobre questões de gênero e de identidade, de conhecimento e de poder, bem como as diferenças sociais, econômicas e raciais.

Já o segundo relato foca no programa de Pós-Graduação em Letras, ao analisar as pesquisas que estão sendo feitas nesse meio. São pesquisas que trazem exemplos de prática a perspectiva do Sul, de acordo com Moita Lopes (2010) as vozes do Sul não estão propriamente relacionadas com uma característica geográfica, mas com aspectos políticos e sociais, em que essas vozes seriam as reprimidas pela dominação hegemônica de países da Europa e da América do Norte. As vozes do Sul, então, estão relacionadas a outros pontos de vista, como as minorias sociais (mulheres, LGBTQ+, negros e indígenas). As pesquisas analisadas todas partem de uma perspectiva localizada, que considera o contexto brasileiro de ensino de inglês. Por fim, é trazida uma experiência decolonial de duas propostas realizadas no âmbito da extensão universitária em que foram ministrados dois cursos de conversação em espanhol. As propostas apresentadas, mesmo que em meios diferentes, revelaram as possibilidades de um fazer decolonial dentro da universidade e da formação de professores.

Finalmente, o artigo *As colonialidades linguísticas na formação docente: experiências de discentes de Letras – Inglês* problematiza as colonialidades linguísticas reproduzidas por estudantes de uma turma de letras-inglês. A pesquisa feita é interpretativista na abordagem qualitativa e crítica. Foram analisadas as interações ocorridas na turma da disciplina de Prática Oral 2 e as aulas giraram em torno da problematização do tema língua em uma perspectiva crítica/decolonial, o tema das aulas era o *Black English* e os variados sotaques da língua inglesa.

Os alunos da disciplina Prática Oral 2, ao discutirem temas como *Black English* e os diversos sotaques do inglês, puderam entender a relação entre língua e colonialidade. Também foi discutida a opressão que existe no que tange a não aceitação das variedades linguísticas em diversos ambientes (em casa, ambientes formais ou na internet). Além disso, quando os alunos discutiram sobre a invenção da língua portuguesa no Brasil e seus efeitos, as reflexões feitas apontaram para a manutenção da epistemologia colonial, pois foi possível perceber a relação entre língua e subalternidade, ainda mais de uma língua que se derivou da colonização portuguesa.

Por último, os autores concluem que compreender as heranças coloniais presentes nas ideologias linguísticas é um processo importante. Com essa consciência os futuros professores estarão preparados para enfrentar desafios e dilemas relacionados à diversidade linguística e cultural, permitindo uma abordagem mais reflexiva e adaptativa em suas práticas pedagógicas. Além de também refletir sobre seu próprio uso da língua em variados contextos enunciativos, levando em consideração aspectos como relações entre língua, poder e ideologias.

Os cinco artigos que enfocam a decolonialidade na formação de professores mostram principalmente as reflexões e práticas que podem ser feitas ao se levar em consideração a teoria

decolonial neste período de formação. Foi possível observar que, no âmbito da formação de professores, a decolonialidade emerge como um elemento essencial para repensar práticas pedagógicas e desconstruir padrões coloniais enraizados no ensino de língua inglesa. A partir da análise dos artigos do Grupo 1, nota-se uma preocupação em desafiar a hegemonia cultural e linguística, promovendo debates plurais e críticos sobre questões sociais, identitárias e de poder. A narrativa crítica e decolonial presente nesses estudos evidencia a necessidade de preparar os futuros professores para lidar com a diversidade linguística e cultural, bem como para refletir sobre suas próprias práticas enunciativas em contextos diversos.

No primeiro artigo mencionado, ao se discutir, dentro de uma perspectiva decolonial, o sentimento de despreparo dos professores de inglês para lecionar, entendemos que uma formação docente comprometida com a criticidade é um processo contínuo que deve sempre se atualizar, os saberes são constituídos em diversos lugares e o saber construído na escola é tão importante e válido quanto aquele que é constituído na universidade. No segundo artigo, percebo que, a autora, ao repensar um estágio supervisionado através de uma lente decolonial refletiu sobre a hierarquia de poder entre universidade e escola, e como se pode romper com essa hierarquia ao adentrar no ambiente escolar durante a formação inicial. Além disso, a proposta inovadora da autora demonstra possibilidades de se fazer diferente dentro do currículo universitário, que muitas vezes é engessado.

Ainda, no terceiro artigo, notamos que ao tentar descolonizar o currículo e trazer aos professores em formação perspectivas brasileiras no contexto de ensino, os professores universitários estão colocando em prática a decolonialidade. No quarto artigo, ao observar como práticas e perspectivas suleadas se dão dentro da universidade, é possível perceber o espaço da decolonialidade dentro desse ambiente como forma de resistência. Por fim, no último artigo, os autores, ao tecerem reflexões que podem ser feitas a partir dos discursos dos professores de língua inglesa, busca evidenciar a importância de se problematizar os discursos dos professores em formação para repensar o ensino e aprendizagem de inglês através de uma perspectiva decolonial.

Por fim, notamos que, quando a decolonialidade está de alguma forma presente na vida dos professores em formação, é bem possível que suas práticas de ensino sejam impactadas, pois pensar para além do conhecimento tradicional e hegemônico durante a graduação faz com que a prática dos professores seja mais crítica e consciente. Os estudos analisados enfatizam a importância da formação de professores de língua inglesa sob uma perspectiva decolonial, destacando a necessidade de repensar as práticas pedagógicas, os currículos e as relações de poder presentes no ambiente escolar. A partir de uma abordagem crítica e reflexiva, os

pesquisadores buscam problematizar as estruturas dominantes e promover uma educação mais inclusiva, preparando os futuros docentes para atuarem de forma consciente e comprometida com a diversidade.

4.2 Grupo 2- Práticas decoloniais no ensino de inglês

Os próximos quatro artigos que analisamos são sobre práticas de ensino de inglês pautadas na teoria decolonial. O artigo *Ensino de línguas como palco de política linguística: mobilização de repertórios sobre gênero* problematiza o ensino colonial de inglês e relata um trabalho com o ensino decolonial em uma turma de sexto ano, utilizando os temas gênero e bullying. As autoras destacam inicialmente que ensinar línguas é ser palco de uma política linguística, visto que o uso da língua engloba o cotidiano e é através da língua que se reproduzem ideologias. Na versão mais recente da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino de inglês é obrigatório nas escolas a partir do sexto ano. Alguns linguistas aplicados problematizam essa obrigatoriedade pois entendem que cada escola deve analisar sua realidade para implantar o ensino caso faça sentido para aquela comunidade. Além disso, os termos “gênero” e “orientação sexual” foram suprimidos do documento, mesmo sendo questões tão relevantes de serem trabalhadas em sala de aula, e isso é um reflexo do conservadorismo nas políticas educacionais.

O trabalho mobiliza Grosfoguel (2010) para argumentar que a colonialidade se manifesta nas seguintes dimensões: étnico-racial, econômica, epistêmica, sexual, de gênero, espiritual e linguística, privilegiando tudo o que é homogêneo e menosprezando o que é dissidente da norma. Todas essas dimensões refletem dentro da sala de aula, na aula de língua inglesa ainda mais, já que existe uma tradição eurocêntrica muito enraizada.

Levando em consideração os Estudos Queer e o Pensamento Decolonial, as autoras contam a experiência de uma delas trabalhando com os temas gênero e bullying com uma turma de sexto ano. Além desses temas, diversos outros sobre desigualdade social foram trabalhados ao longo do ano. As atividades feitas problematizam estereótipos de gênero e fizeram os alunos refletirem sobre o problema e as consequências do bullying. Não problematizar questões sociais em sala de aula também é uma decisão política, e a professora em questão escolhe problematizar e fazer com que os alunos reflitam sobre variadas questões. Assim ela contribuiu para que as/os alunas/os compreendessem a colonialidade do poder em seus cotidianos e em seus corpos. Ao fazerem a atividade os os alunos citaram estereótipo de gênero e sexualidade, e é importante no fazer decolonial que professores discutam pautas sobre diversidade com os alunos.

O segundo artigo, *Considerações acerca da Teoria Decolonial por meio de reflexões sobre a prática docente em língua inglesa*, analisa a prática docente da autora com base na teoria decolonial. O estudo foi feito com base em uma aula de língua inglesa para alunos do primeiro ano do ensino médio, durante um semestre letivo. Nesta pesquisa, a autora narra seu percurso, revisitando as experiências que contribuíram para que ela repensasse e reconstruísse o seu fazer docente utilizando uma abordagem autoetnográfica. A noção de decolonialidade presente no texto está pautada principalmente nos autores: Grosfoguel (2007), Quijano (2005; 2007) e Mignolo (2007), os quais defendem que o conhecimento produzido na academia é eurocêntrico e colonialista, e por isso a decolonialidade nesse espaço é tão importante.

O principal objetivo do texto é a auto reflexão da autora acerca de sua prática, ela reconhece que, em suas aulas, no geral era somente dela a responsabilidade de decidir a avaliar o que deveria ser feito. Porém ela reconhece que essa prática é influenciada pela colonialidade, já que, com a postura de sempre ditar o que deveria acontecer na sala de aula, sem a participação dos alunos, ela acaba ditando suas visões de mundo e escolhas pessoais aos alunos. Nessa perspectiva, não existia espaço para os alunos em seus planos de aula.

Após essas percepções, a autora almejava romper com esse tipo de prática centralizadora, para isso, ela resolveu definir com a própria turma que estava trabalhando, qual seria a canção que eles gostariam de utilizar nas aulas. Essa atitude pode ser considerada como uma prática de decolonialidade, já que a professora não era a única responsável por todas as decisões em sala de aula, criando um ambiente mais inclusivo e participativo para os alunos. A professora também reflete sobre sua necessidade de controle na sala, pois o barulho a incomodava bastante, mas ela entende que, em uma aula de língua inglesa, nem sempre o barulho é algo negativo, e que não é possível ter total controle sobre o barulho que os alunos produzem. Podemos relacionar isso à noção de colonialidade em que o ensino deve ser pautado pelo silêncio. Todas essas reflexões foram importantes para aquele momento de ensino da professora naquela turma, mas também para as próximas práticas. É importante que, uma vez reconhecidas as colonialidades reproduzidas dentro da sala de aula, que se promova o questionamento da prática por um viés decolonial.

Já o trabalho *“Is it a test of marking ‘X’?”*. *Identificando e interrogando a colonialidade na avaliação no ensino de inglês* teve como objetivo olhar para as avaliações de língua inglesa de forma crítica, identificando a colonialidade e repensar a avaliação, na tentativa de trazer uma formação linguística menos opressora. A autora, desde que se tornou professora, se sente inquieta em relação aos métodos de avaliação tradicionais, e sempre pensou em estratégias para diminuir o sentimento negativo de insuficiência, tensão, nervosismo e medo que as avaliações

trazem para os alunos. Ao entrar em contato com as teorias sobre Inglês como Língua Franca (ILF), translinguagem e decolonialidade, ela passou a entender os possíveis fatores causadores da ansiedade nos alunos em relação às avaliações. Fatores como os discursos estruturalistas, normativos, hierárquicos e monolíngues, a ideologia da superioridade do falante nativo e a consequente síndrome do impostor, influenciam muito nesse processo.

Levando isso em consideração, a autora afirma que a ideia de colonialidade presente na língua é perpetuada nos processos avaliativos, pois a visão moderna e monolíngue orientou historicamente e ainda orienta a forma com que se ensina a língua inglesa. Então a visão colonial está presente em materiais didáticos, metodologias de ensino e também nas avaliações, que inclusive, muitas vezes, são estruturalistas e se pautam no modelo do falante nativo. Isso causa diversos impactos nos alunos, como a insegurança e o sentimento de insuficiência perante as avaliações.

Assim, a autora traz o conceito de localidade, segundo o qual se deve levar em consideração a subjetividade dos alunos durante o processo avaliativo. O intuito desse conceito seria desenvolver instrumentos avaliativos que valorizem as vozes dos alunos e que também estimulem o trabalho colaborativo e multimodal. Fazer com que o processo avaliativo não cause ansiedade nos alunos é uma tarefa difícil, para isso é necessário romper com diversas práticas tradicionais de ensino. Porém, é necessário e possível repensar e refazer essas práticas. Através de metodologias alternativas de avaliação e uma avaliação que nem sempre considera o resultado final, mas sim o processo, é possível criar um ambiente mais saudável para os alunos. A autora coloca em prática um instrumento que desenvolveu e pretende continuar repensando a avaliação.

Por fim, o artigo *Pedagogias decoloniais para o ensino de língua inglesa no contexto on-line: relato de prática* relata como as atividades elaboradas com base nas práticas decoloniais para aulas online podem promover reflexões sobre diferentes formas de ensinar e aprender. A noção de decolonialidade presente no texto tem como base os autores Mignolo e Walsh (2018), que refletem sobre práticas pedagógicas decoloniais. Nesse artigo, os autores desenvolveram uma sequência didática que tinha como objetivo abordar aspectos da teoria decolonial por meio do ensino da língua.

Como as práticas decoloniais têm como objetivo trazer discussões para educação, como repensar e combater o sistema educacional homogêneo, as atividades propostas de forma online durante a pandemia de COVID-19 foram elaboradas para fazer com que os alunos refletissem sobre as diferentes visões de mundo, para além do conhecimento homogêneo europeu e estadunidense, para que outras formas de conhecimento e de viver também fossem valorizadas.

Foram ministradas três aulas online e síncronas, no período de dois meses. Os alunos eram adultos, de nível pré-intermediário. As aulas levantaram discussões sobre temáticas de identidades raciais, compreensão oral e diálogos.

A principal questão analisada pelos autores no artigo é como a utilização das pedagogias decoloniais contribuem no ensino de inglês e como elas foram capazes de engajar os alunos durante as aulas. E eles concluem que, a partir das aulas, os alunos foram capazes de discutir e aprender sobre temas como racismo, racismo epistêmico, estereótipos e identidades raciais. A partir dessas temáticas eles também trabalharam com o tempo verbal *Past Perfect*, assim foi possível mobilizar tanto discussões de temas importantes quanto aspectos estruturais da língua.

Como se nota em nossas análises, o Grupo 2 concentra-se em práticas decoloniais no ensino de inglês, evidenciando como a implementação de estratégias pedagógicas alinhadas com a decolonialidade podem promover a reflexão crítica dos alunos sobre questões de identidade, poder e representatividade. A partir da problematização do ensino colonial de línguas, os estudos buscam ampliar o repertório dos estudantes, promover a valorização de diferentes saberes e estimular a consciência crítica em relação às estruturas de poder presentes na sociedade. A abordagem decolonial nessas práticas visa não apenas transmitir conhecimento linguístico, mas também estimular uma consciência crítica dos estudantes, capacitando-os a serem agentes de transformação social.

O primeiro artigo problematiza o ensino colonial da língua e fomenta discussões sobre temas sensíveis, como gênero e bullying. A política linguística é destacada como um elemento central nesse contexto, evidenciando como o uso da língua está intrinsecamente ligado à reprodução de ideologias e estruturas de poder e discutir isso durante a aula de inglês é necessário. Já o segundo demonstra como a consciência crítica e decolonial da professora pode transformar sua prática em sala de aula, já que a partir de uma autoetnografia a autora repensa suas práticas e constrói um ambiente escolar menos hierárquico e mais colaborativo. O terceiro artigo, ao repensar a avaliação de uma forma decolonial, traz perspectivas de como esse processo pode ser menos opressor ao se utilizar metodologias alternativas de avaliação, que consideram as singularidades dos alunos. Por fim, o quarto artigo evidencia que discussões sobre temáticas sociais fazem parte da prática decolonial e devem fazer parte da prática de ensino de inglês.

4.3 Noção de decolonialidade presente nos artigos

Ao analisar como a decolonialidade é concebida nos trabalhos, identificamos diferentes abordagens e enfoques adotados pelos pesquisadores. A concepção de decolonialidade vai além de uma simples desconstrução do colonialismo, envolvendo uma reconfiguração das relações de poder, conhecimento e identidade no contexto educacional. Nos estudos analisados, a decolonialidade é frequentemente associada à necessidade de decolonizar o currículo, ampliar a diversidade epistêmica e promover uma educação mais inclusiva.

Os autores Grosfoguel, Quijano, Walsh, Mignolo e Kumaravadivelu são frequentemente citados e usados como base teórica nos trabalhos. O conceito de colonialidade do poder, elaborado por Quijano (2005), é citado em diversos trabalhos, mostrando que a colonialidade ainda é algo perpetuado no ambiente escolar e universitário. Mignolo e Walsh (2018), também são citados pois são autores que discutem sobre práticas pedagógicas decoloniais, assim os artigos se embasam nesses autores para repensar as formas tradicionais de aprendizagem e como promover a decolonialidade.

Além disso, também é discutido como a universidade reproduz uma “herança colonial”, onde os saberes hegemônicos são reforçados a todo tempo. Mignolo (2014, p. 63), argumenta que a universidade serve para manter a colonialidade do saber. Ao reconhecer isso é possível entender a hierarquia de conhecimento que existe dentro da academia. Esse conceito foi discutido no artigo *Abandonamos a sala da universidade: uma opção decolonial no estágio de inglês e na formação docente crítica*, e percebemos que essa questão da hegemonia de saberes na universidade também é citada e discutida em outros trabalhos, o que é algo importante de ser questionado. A partir dessas discussões evidenciamos que os estudos decoloniais oferecem ferramentas teóricas e metodológicas para desconstruir narrativas dominantes, ampliar perspectivas e promover uma educação mais democrática e emancipatória.

Assim, a possibilidade de transformar a prática de ensino de língua inglesa por meio de estudos decoloniais reside na capacidade de questionar e subverter as estruturas de poder e conhecimento que perpetuam desigualdades e exclusões no contexto educacional. A incorporação de perspectivas decoloniais nas práticas pedagógicas pode abrir caminho para uma educação mais sensível às diferenças, mais engajada com as realidades dos estudantes e mais comprometida com a promoção da justiça social e cultural. Nesse sentido, os estudos decoloniais não apenas problematizam as práticas existentes, mas também apontam para novas possibilidades e horizontes de atuação no campo do ensino de línguas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento de artigos na área de LA, decolonialidade e ensino-aprendizagem de inglês demonstra que ainda é necessários mais estudos nessa área, pois poucos artigos que possuem este enfoque foram encontrados. A proposta de analisar como os pesquisadores têm explorado a relação entre ensino de língua inglesa e decolonialidade envolveu uma investigação dos objetivos, escopo teórico-metodológico e resultados presentes nos artigos científicos que abordam essa temática. Ao mergulhar nesse campo de estudo, identificamos algumas nuances e complexidades que permeiam a interseção entre ensino de línguas e perspectivas decoloniais.

Assim, notamos que ambos os grupos analisados convergem na importância de repensar as práticas educacionais sob uma perspectiva decolonial, destacando a necessidade de promover uma educação mais crítica, reflexiva e comprometida com a diversidade cultural e linguística. A partir da desconstrução de narrativas coloniais e da valorização de saberes subalternizados, os estudos decoloniais no ensino de língua inglesa apontam para novas possibilidades de atuação no campo educacional, visando a construção de espaços mais inclusivos, democráticos e emancipatórios para todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Ademais, fica explícito que os estudos decoloniais podem transformar a prática de ensino de língua inglesa e suscitar reflexões profundas sobre o papel da educação na construção de sociedades mais igualitárias e plurais. A decolonialidade não se restringe a uma abordagem teórica, mas se manifesta como uma prática transformadora que desafia as estruturas de poder, os discursos hegemônicos e as representações estereotipadas presentes no ensino de línguas.

Finalmente, Quijano (1998, p. 234), considera que apenas uma subversão não é suficiente para produzir uma nova alternativa, mas ela é importante e deve existir, pois é o primeiro passo para uma mudança real da hegemonia. Portanto as práticas e reflexões que englobam a decolonialidade devem ser cada vez mais exploradas no meio do ensino de inglês, para que dessa forma seja possível de fato transformar esse cenário de ensino. As análises feitas mostraram que ainda faltam estudos no campo da decolonialidade e que a prática de decolonialidade muitas vezes é feita de forma superficial. Refletir sobre as estruturas hegemônicas de poder é importante, mas é ainda mais importante buscar por uma prática transformadora.

Considerando minha formação, realizar uma pesquisa com enfoque na decolonialidade foi uma experiência enriquecedora. Apesar de ter encontrado poucos trabalhos que relatam a decolonialidade na prática, foi possível tecer diversas reflexões com os trabalhos que encontrei. Levando em conta a interdisciplinaridade da LA, foi possível entender variados contextos de

formação de professores e de práticas de ensino de inglês em que a decolonialidade aconteceu. A autora Menezes de Souza (2019, p. 255) acredita que o processo de formação de professores precisa “preparar o professor protagonista, um professor que é capaz de analisar quem é o seu aluno, o seu contexto de ensino, quais são as necessidades do seu contexto [...] e a partir disso, o que ele pode fazer”. Isso significa que é essencial no meu processo de formação que eu analise como acontece a prática de uma teoria que considero tão importante. A partir da prática de outros pesquisadores consigo refletir sobre a minha própria prática e entender como ela vai se dar a depender do contexto de ensino em que eu estiver inserida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. N. de. A transdisciplinaridade da Linguística Aplicada na formação de professores de línguas - convergências para uma educação transpessoal? **Revista Desempenho**, [S. l.], v. 2, n. 22, 2015.

ANJOS, Flávius Almeida dos. **A linguística aplicada, o ensino e a aprendizagem da língua inglesa e o compromisso social**. Tabuleiro de Letras, Salvador, v. 11, n. 2, p. 123-139, dez. 2017. Semestral. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6372548>. Acesso em: 25 jan. 2023.

BEZERRA, S. S. Considerações acerca da Teoria Decolonial por meio de reflexões sobre a prática docente em língua inglesa. **Raído**, [S. l.], v. 13, n. 33, p. 93–101, 2019. DOI: 10.30612/raido.v13i33.9936. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/9936>. Acesso em: 24 mar. 2024.

CAIADO DA COSTA FERREIRA, F.; AUGUSTO DE LIMA BASTOS, P. As colonialidades linguísticas na formação docente: experiências de discentes de Letras – Inglês. **Calidoscópico**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2023. DOI: 10.4013/cld.2022.202.03. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/25095>. Acesso em: 11 jan. 2024

CAVALCANTI, M. C. A propósito de Lingüística Aplicada. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, vol. 07, 1986. p. 05-12. 2.

CELANI, M. A. A. **Afinal, o que é Lingüística Aplicada?** In: PASCHOAL, M. S. Z. & CELANI, M. A. A. (Orgs.) *Lingüística Aplicada: da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, 1992. p. 15-23.

DOS SANTOS, M. M. R. Ensino de língua estrangeira: os métodos. **Revista EntreLinguas**, Araraquara, v. 6, n. 2, p. 249–265, 2020. DOI: 10.29051/el.v6i2.13072. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/13072>. Acesso em: 16 mar. 2024.

GROSGOUEL, R. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais**: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, B.

S.; MENESES, M. P. (org.). Epistemologias do Sul São Paulo: Cortez, 2010. p. 455-491. DOI: <https://doi.org/10.12957/periferia.2009.3428>

HASHIGUTI, S. T.; BRITO, C. C. P.; AMADO, G. T. R.; FAGUNDES, I. Z. Z.; ALVES, F. S. R. Thinking and doing otherwise with ELLA – a virtual laboratory for EFL learning. **Letras & Letras**, v. 35, n. especial, p. 223-245, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/LL63-v35nEsp2019-11>.

HAUS, Camila. (2021) “Is it a test of marking “x”?” Identificando e interrogando a colonialidade na avaliação no ensino de inglês. **Caminhos em linguística Aplicada**. v. 25 n. 2 (2021).

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p.

JORDÃO, C. J. **Decolonizing identities: English for Internationalization in a Brazilian University**. *Interfaces*, v. 16 n. 1 (2016). DOI: <https://doi.org/10.15210/interfaces.v16i1.7683>

KUMARAVADIVELU, B. **The Decolonial Option in English Teaching: Can the Subaltern Act?** *Tesol Quarterly*, [S.l.], v. 50, n. 1, p. 66-85, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1002/tesq.202>

LIMA, T. C. S. de, & Miotto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, 10(spe), 37-45. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>

MATTOS BRAHIM, A. C. S. de; HIBARINO, D. A.; CERDEIRA, P. de L. Decolonialidade na formação em línguas adicionais: dos desafios na ‘encruzilhada’ ao caminho outro de um ‘mosaico’ para uma Linguística Aplicada rizomática. **Raído**, [S. l.], v. 14, n. 36, p. 80–102, 2020. DOI: 10.30612/raido.v14i36.11639. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/11639>. Acesso em: 24 mar. 2024.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, M.; PESSOA, R. R. Abandonamos a sala da universidade: uma opção decolonial no estágio de inglês e na formação docente crítica. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Volume 20 Nº 1. Disponível

em:<https://www.scielo.br/j/rbla/a/ZR3QJZSZjb4yjkhtcPhkktP/?lang=pt#>. Acesso em: 11 jan. 2024

MASTRELLA-DE-ANDRADE, M.; PESSOA, R. R. A critical, decolonial glance at language teacher education in Brazil: on being prepared to teach. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 35, n. 3, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/44219>. Acesso em: 11 jan. 2024.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. **Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos**. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Educação Linguística: repensando os conceitos de língua e linguagem. In: FERRAZ, D. M.; KAWACHI-FURLAN, C. J. (org.). **Bate-papo com educadores linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019, p. 244-258. DOI: 10.31560/pimentacultural/2019.249.244-258

MIGNOLO, W. **Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1515/9781400845064>

MIGNOLO, WALTER D. WALSH, CATHERINE E. **On Decoloniality: concepts, analytics, práxis**. Durham: Duke University Press, 2018.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 279.

NASCIMENTO A.M, FONSECA, A.L. PIBID Inglês e a telona: ampliando espaços formativos. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/zjRDYGNs8GBhJMZwx9nQgXt/?lang=en>. Acesso em: 03 de março de 2024.

NASCIMENTO, G.; WINDLE, J. A **(des)racialização de pesquisadores como estratégia de luta: rumo a uma linguística aplicada antirracista**. In: MELO, G. C. V. de; JESUS, D. M.

Linguística aplicada, raça e interseccionalidade na contemporaneidade: volume 1. Rio de Janeiro: Mórula, 2022. p. 316-342.

PARDO, F. **Decolonialidade e ensino de línguas**: perspectivas e desafios para a construção do conhecimento corporificado no cenário político atual. *Revista Letras Raras*. v.8, n. 3, 2019.

PASCHOAL, M. S. Z.; CELANI, M. A. A. (orgs.). **Linguística Aplicada: da aplicação da Linguística à Linguística Transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992.

PESSOA, R. R.; HOELZLE, M. J. Ensino de línguas como palco de política linguística: mobilização de repertórios sobre gênero. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 56, n. 3, p. 781–800, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8649840>. Acesso em: 11 jan. 2024.

PENNYCOOK, A. **Towards a critical applied linguistics for the 1990s**. *Issues in Applied Linguistics*. vol. 1, no. 1: 8-29 (junho)1990.

RODRIGUES, B. G. .; ROSA, R. G. .; ARRÉ, T. C. C. . Pedagogias decoloniais para o ensino de língua inglesa no contexto on-line: relato de prática. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. AG9, 2022. DOI: 10.26512/rhla.v21i2.43444. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/43444>. Acesso em: 11 jan. 2024.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**¹. A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais–Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.

QUIJANO, A. **Colonialidad del poder, cultura, y conocimiento em América Latina**. *Ecuador Debate*, Quito, v. 44, p. 227-238, 1998.